

Vitória, o contraste divide a província da metrópole

A20369

Sylvio Costa

Foto de Gildo Loyola

Os contrastes começam pelo nome. A tal **vitória** que justifica essa denominação é, na realidade, uma derrota. A derrota imposta aos índios e que os afastou da ilha de uma vez para sempre. E se generalizam por todos os aspectos da vida da cidade. Trata-se de uma ilha sem praia, onde a lagosta custa Cz\$ 150,00 e o transporte aquaviário é uma obra de ficção.

Centro político do Espírito Santo de 1930 para cá, Vitória 'fez' somente um governador do Estado. Dos que governaram o Estado nesse período, apenas Arthur Carlos Gerhardt Santos era nascido na capital. Centro financeiro, é uma praça que movimenta muito dinheiro. Embora essa seja uma mercadoria em falta para a esmagadora maioria da população.

Com muitos morros, Vitória não tem boas escadarias. Privilegiada pela natureza, vem sofrendo um intenso processo de poluição. É uma cidade provinciana metida à metrópole... e por aí vai. As contradições são incontáveis. Segundo os técnicos, no entanto, elas revelam uma lógica implacável — a lógica da concentração do poder e do espaço urbano.

São contrastes demais para apenas 81 quilômetros quadrados de área... Mais de 40 vezes menor do que Linhares em área territorial, Vitória é o centro nervoso do Estado. Uma praça financeira onde o dinheiro rola alta, mas cuja população é majoritariamente desprovida de todo tipo de recursos. É uma ilha em que o pescado é caro, faltam praias e não existe transporte hidroviário.

Uma cidade comercial que nunca soube 'vender' sua imagem. Vitória é a capital e o centro político do Espírito Santo. Nos últimos 56 anos, porém, apenas um governador era nascido na ilha, Arthur Carlos Gerhardt Santos. É o lugar onde mais morre e mais nasce gente. Só que é o terceiro município capixaba em população.

As contradições não têm fim. Vitória (como todo o Espírito Santo) possui se-



A cidade cresceu e escondeu de seus habitantes vistas importantes. A principal delas é o Porto de Vitória, que fica de costas para a ilha

Foto de Ailton Lopes



Os capixabas têm pouca opção de lazer na sua capital. Os aterros acabaram com as praias da ilha e com o divertimento barato.

Fotos de Gildo Loyola

Foto de José A. Magnago



Para André Abe, a maioria dos empregos está no setor terciário. É onde se concentra a grande riqueza da cidade. Apesar do

“Na época” — lembra o professor — “o ministro Reis Velloso dizia que a pior poluição era a pobreza. Fumaça era sinal de progresso. Hoje, estão aí os reflexos dessa via escolhida sem consulta à população. A qualidade de vida foi extremamente afetada na passagem da economia agrária-exportadora para uma economia industrial e isto se verifica nos altos índices de poluição atmosférica de hoje”.

CVRD, Civit, CST, Aracruz Celulose... os projetos industriais se instalavam e cresciam na exata medida em que as condições ambientais se deterioravam. Em municípios vizinhos, os espaços vazios não eram aproveitados. Aqui, multiplicavam-se os caros e agressivos aterros. No final das contas, a cidade ficou sem praias.

Desapareceram as antigas praias do Barroco de Santa Helena dos Castanheiros

deficientes. Apesar disso, não são poucos os que vêm de fora e se apaixonam à primeira vista. Apaixonam-se e cá se estabelecem acostumando-se ao ritmo de um lugar onde faltam boas rotisseries, restaurantes de comida caseira, bancas de revistas que fiquem abertas à noite ou bares que funcionem de madrugada.

Entre Vila Velha e Vitória, existem duas pontes. Em breve haverá uma terceira. Entre os seus moradores, contudo, não existe grande integração. A dispersão é uma marca registrada da capital capixaba. Não há um movimento cultural organizado e unido. Os eventos nesse terreno são esporádicos e isolados. Os seus habitantes estão frequentemente limitados a duas alternativas: a completa solidão e absoluta falta do que fazer; e a solidão mascarada pelo onipresente tubo de imagens da TV.

Problemática, mas...

Maltratada pelo tipo de desenvolvimento que para ela reservaram, Vitória não perde de qualquer maneira alguns encantos. Abriga em seu pequenino espaço belas mulheres e certos hábitos de inegável charme. Os aposentados, por exemplo, costumam se reunir em torno de um xadrez no Parque Moscoso ou da sombra de uma das árvores da Costa Pereira. Nos dias de regata, como nos velhos tempos, muita gente vai a Beira-Mar assistir a disputa que consagrou a rivalidade entre os atletas do Álvares Cabral e Saldanha da Gama. Persistem também as 'peladas', que saíram do Centro mas sobrevivem em muitos lugares (em Santa Lúcia, por exemplo, o antigo campo do Santa Cruz resiste).

Prevalecem, porém, os costumes dos novos tempos. Os tempos da Grande Vitória, dos edifícios de estacionamentos, dos mendigos, dos camelôs, da Mesbla, da C & A, das Lojas Americanas, dos shopping centers, do apart-hotel. Segundo Roberto Simões, há hoje na Grande Vitória aproximadamente 160 mil lotes vazios.

Eles seriam capazes de acomodar o equivalente a toda a população atual da região. No entanto, aterram-se manguezais e concentram-se os investimentos numa pequena parte da Grande Vitória. “Somente agora os municípios vizinhos à capital estão crescendo porque o Centro implodiu”, argumenta ele. “As atividades passaram a se descentralizar e hoje o Centro — que em outras cidades é valorizado como espaço cultural — é o retrato da degradação”.

môs 56 anos, porém, apenas um governador era nascido na ilha, Arthur Carlos Gerhardt Santos. É o lugar onde mais morre e mais nasce gente. Só que é o terceiro município capixaba em população.

As contradições não têm fim. Vitória (como todo o Espírito Santo) possuía, segundo o cientista Augusto Ruschi, o mais variado e belo exemplar da mata atlântica brasileira. Hoje, está entre as cidades mais poluídas do Brasil. Antiga, os seus marcos históricos têm sido progressivamente destruídos. Situada no Sudeste do país, é nordestina em muitos aspectos. Pequena, fizeram dela concentradora. Portuária, seus moradores em geral não vêm o cais porque ele fica de costas para a cidade.

Vitória, não. Derrota

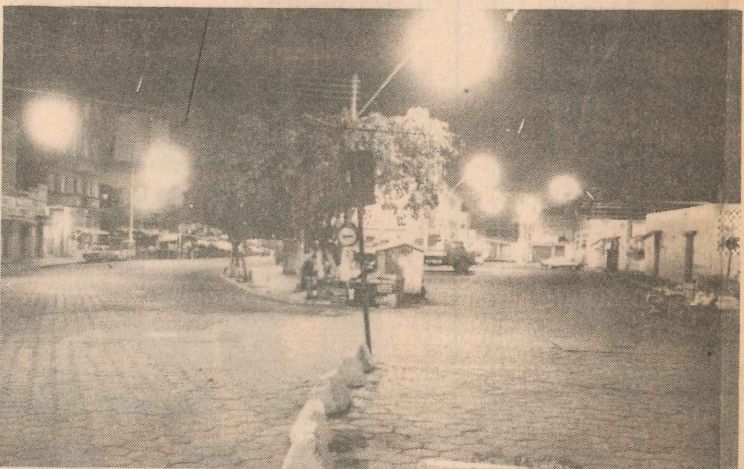
Os contrastes são de todas as espécies e para todos os gostos. Eventualmente, eles esbarram no folclore. Inevitável. Não é comum se encontrar uma capital onde o secretário de Estado da Fazenda tem um nome como o daquele técnico que serviu ao Governo Eurico Rezende. Consta que ele era uma pessoa correta, digna. Embora sua certidão registrasse a graça de Orestes Soneghetti...

Brincadeiras à parte, reconheçamos que alguns contrastes são de fato ululantes. A designação da ilha, por exemplo. Como podemos falar em Vitória se a data oficial de sua criação — oito de setembro de 1551 — marca na verdade a derrota imposta aos índios que aqui viviam. Foi um massacre terrível, cujos detalhes são omitidos pela nossa ainda precária historiografia, nada próprio a comemorações.

Onde já se viu um município litorâneo em que o quilo da lagosta custa Cz\$ 160? São inacessíveis também para a esmagadora maioria de seus moradores os salgadíssimos preços do camarão rosa (Cz\$ 150) e do badejo (Cz\$ 49). A moqueca é deliciosa. De igual sabor não se acha em outro lugar do Brasil. No entanto, é servida em vários restaurantes por Cz\$ 80 ou mais.

Como é que pode existir uma ilha onde a população não usa o mar como meio de transporte? O aquaviário, hoje reduzido à linha Paul, atendeu no seu auge a no máximo 12 mil pessoas por dia. Os passeios de barco pela baía foram uma experiência da Emcatur de duração bastante curta. E é extremamente pequeno o contingente de moradores que utiliza barcos para o seu lazer.

Entre o Rio e Salvador, próxima a São Paulo e a Belo Horizonte, Vitória é um caso crônico de marasmo cultural. Só tem uma universidade, um teatro, um jornal de abrangência estadual e apenas quatro cinemas. No passado recente, eram oito. Mas sumiram o Odeon, o Juparanã, o Jandaia, o Vitorinha. No seu lugar, apareceram novas lojas e novos bancos.



As transformações ocorridas no Centro produziram um quadro curioso. Por ele passam diariamente centenas de milhares de pessoas. Ali, concentram-se inúmeras atividades. Mas embora seja em todo o Estado o local onde há o maior tráfego de gente e de veículos, é um deserto à noite e nos finais de semana. Cada vez mais se desqualifica enquanto zona residencial.

Sempre lógica

Os apressados devem, contudo, tomar cuidado. As contradições de Vitória não fazem dela uma cidade irracional. Longe disso. “Ela tem uma lógica muito clara”, afir-

ma o professor do Departamento de Arquitetura da Ufes Roberto Garcia Simões. “Ela é produto de uma via de desenvolvimento em que a tônica é a concentração. Concentração de renda, de espaço, de poder...”

no setor terciário. É onde se concentra a grande riqueza da cidade. Apesar do aparente desenvolvimento, Vitória é uma cidade pobre culturalmente. Não existe vida noturna e seu único teatro é apenas um marco arquitetônico de pouca utilidade.

Foto de José A. Magnago



Para a diretora de Planejamento Urbano da PMV, Eneida Mendonça, os contrastes são reflexos da economia do país. A cidade é uma metrópole durante o dia. À noite transforma-se numa província interiorana com suas ruas desertas.

O próprio Simões fala de certos contrastes absolutamente intoleráveis: “A passagem para a Grande Vitória, no final dos anos 60 e início da década de 70, representa a Grande Vitória dessa via de desenvolvimento que se baseia na industrialização e na desestruturação de uma economia que existia no campo, com a erradicação do café. E uma das contradições é que as grandes fábricas se instalaram dentro ou perto da cidade e a montante dos ventos dominantes”.

ma o professor do Departamento de Arquitetura da Ufes Roberto Garcia Simões. “Ela é produto de uma via de desenvolvimento em que a tônica é a concentração. Concentração de renda, de espaço, de poder...”

clam na exata medida em que as condições ambientais se deterioravam. Em municípios vizinhos, os espaços vazios não eram aproveitados. Aqui, multiplicavam-se os carros e agressivos aterros. No final das contas, a cidade ficou sem praias.

Desapareceram as antigas praias do Barracão, de Santa Helena, das Castanheiras. Camburi sobreviveu aos aterros, mas não escapou da poluição dos esgotos e da poeira industrial. Por isso, como as ilhas do Frade e do Boi são de acesso difícil, vivemos o drama de uma ilha que não tem praia.

A indústria, aliás, é a base da formação do aglomerado urbano da Grande Vitória. “Só que a maioria dos empregos está no setor terciário”, comenta André Abe, outro professor de Arquitetura da Ufes. Ele considera especialmente significativa uma contradição:

“Nas cidades européias e americanas, são os ricos que vão para a periferia em busca de tranquilidade. Em Vitória, acontece o contrário. Então, o rico pode pagar Cz\$ 1,30 para ir de ônibus até a Praia do Canto e o pobre paga Cz\$ 2,50 para ir a Serra. Os ricos ficam em áreas mais centrais, planas, onde implantar a infraestrutura sai mais barato. Os pobres, em mangues e morros onde essa infra-estrutura exige maior investimento e inclusive não é colocada pelo Poder Público”.

Até os santos

Haja contraste. Em Vitória, até os santos ficam distante do céu. São Benedito e Forte São João, é verdade, bairros situados nas encostas da cidade. Mas São Pedro, quando chove, fica abaixo da maré. Sem falar de outros santos condenados pela geografia da ilha a viverem bem à margem do mundo celestial: Santa Lúcia, São Cristóvão, Ilha de Santa Maria, etc.

Em Vitória, as contradições são tais que já ocorreu do Conselho Estadual de Cultura tomar imóveis (casario na Rua Muniz Freire) depois demolidos pelo próprio Tribunal de Justiça, que ignorou a lei. Com 257.061 habitantes — de acordo com estimativa do Ministério da Saúde — é chamada por muitos de cidade presépio. Uma imagem que pouco ou nada tem a ver com a violência da qual em nosso dia-a-dia somos testemunhas e às vezes cúmplices.

Vitória tinha um bairro chamado Praia Comprida que, apesar do nome, foi totalmente tomado por um outro de denominação mais interessante ainda — Praia do Canto, atualmente, ela não tem nada. Bonita, a cidade é sistematicamente depredada e degradada pelo ‘progresso’. Cheia de morros, faltam-lhe escadarias. Provinciana, tem ares de metrópole.

Ilha do mel, coleciona problemas nada doces: desemprego, subemprego, miséria, situação precária na saúde e na educação, falta de saneamento, sistema de transportes

quena parte da Grande Vitória. “Somente agora os municípios vizinhos à capital estão crescendo porque o Centro implodiu”, argumenta ele. “As atividades passaram a se descentralizar e hoje o Centro — que em outras cidades é valorizado como espaço cultural — é o retrato da degradação”.

A Zona Norte da cidade vem assumindo crescentemente o papel de pólo comercial e de serviços. Algumas alternativas de lazer surgem na Zona Sul, como o Tancredão e o Centro Cultural Carmélia de Souza. O carnaval vai para Camburi e para a Reta da Penha. O Centro? “É o lugar que concentra toda a área financeira e onde as contradições são mais fortes. Lá começaram as primeiras favelas, há o maior número de mendigos e não existem praças. No horário de almoço, os ricos vão em casa para fazer a refeição. Os outros vão para o triângulo Mesbla/Americana/C & A, verdadeiros templos da sociedade de consumo” — responde André Abe.

A diretora de Planejamento Urbano da PMV, Eneida Maria Souza Mendonça, diz que “não é uma questão só de Vitória”. Sua opinião: “Esses contrastes resultam da própria estrutura econômica do país e existem em várias outras cidades que tiveram uma urbanização semelhante, como Rio, São Paulo e Belo Horizonte. O problema é que a Prefeitura acaba recebendo a responsabilidade de fazer aquilo que deveria ter sido feito pelo loteador. É o caso dos serviços de pavimentação, água e energia”.

“Só que os morros e mangues são ocupados por uma população sem recursos e a nossa primeira dificuldade é regularizar a sua situação. A saída seria um trabalho conjunto entre os diversos setores da Prefeitura e também junto com órgãos estaduais, empresas concessionárias e órgãos federais afetos ao problema urbano” — acrescenta ela.

Enquanto não se engendram as soluções, multiplicam-se os contrastes. Com vasto potencial turístico, Vitória está há muito por deslanchar nesse campo. Repressora, a cidade é cruel com os seus talentos (o excelente poeta Carlos Chenier demorou décadas para publicar o seu primeiro livro). Generosa, abriga mulatos, morenas, negros, japoneses, italianos, turcos e nordestinos. Em nenhum outro lugar do Espírito Santo nasce — e morre — tanta gente como aqui. No entanto, a maioria de seus moradores nasceu em outros municípios e Estados.

Moralista, convive com a prostituição em pleno Parque Moscoso. Oficialmente, pertence ao Sudeste. Mas a sua realidade social, o mercado da Vila Rubim, os coqueiros e jangadas de Camburi cheiram a Nordeste. E assim a cidade vive e cresce. Lógica e contraditória. Pacata e ao mesmo tempo agitada. Poluída e bela. Amarga e doce.